

A FESTA RAVE E O MUNDO FANTASMÁTICO: UM ESTUDO PSICANALÍTICO

Maria Cristina Zago

Enídio

Ilário Antonios

Terzis

Pontifícia Universidade Católica, Campinas, Brasil

RESUMO

Diversas manifestações culturais exprimem o diálogo entre o homem e o contexto social em que está inserido. Nesse sentido, a música eletrônica vem ganhando cada vez mais espaço na vida noturna urbana de adultos jovens, sendo a festa *rave* um dos cenários dessa vertente musical. Este artigo traz uma discussão a respeito do fenômeno cultural festa *rave* a partir de entrevista livre de dois *Disc Jockeys* (DJs) tendo como matriz teórica os conceitos de Sigmund Freud e da grupanálise. A expressão que melhor marca o presente estudo é a percepção da festa *rave* como sonho, lugar de transgressões consentidas, um espaço possível para a realização alucinatória do desejo interdito pelas leis morais impostas pela cultura, oportunizando se adentrar ao mundo fantasmático. A festa *rave* se constitui num momento permeado pela música e uso de drogas, quando se busca a liberdade e o escapismo de um mundo causador de mal-estar no sentido freudiano do termo.

Palavras-chave: psicanálise; grupanálise; fenômeno cultural.

THE RAVE PARTY AND FANTASY WORLD: A PSYCHOANALYTIC STUDY

ABSTRACT

Several cultural manifestations express the dialogue between men and the social context in which they are inserted. In this sense, the electronic music gains more and more space in urban nightlife of young adults, and the *rave* party is one of the scenarios of this music style. This article discusses the *rave party* as a cultural phenomenon interviewing informally two *Disc Jockeys* (DJs) on the grounds of Sigmund Freud's theory and Group Analysis concepts. The expression that best defines the present study is the perception of the *rave* party as a dream; a place of consented transgressions and a possible space for the hallucinatory wish realization, which is interdicted by the moral laws imposed by the culture, thus giving the opportunity to enter in the world of phantasy. The *rave* party constitutes itself with music and drug use in search of freedom and escapism of a world that causes discontentment in the Freudian sense of the term.

Keywords: psychoanalysis; group analysis; cultural phenomenon.

Zago, M. C.; Ilário, E. Terzis, A. A festa rave e o mundo fantasmático: um estudo psicanalítico.

LA FIESTA RAVE Y UN MUNDO DE FANTASÍA: UN ESTUDIO PSICOANALÍTICO

RESUMEN

Diversas manifestaciones culturales expresan el diálogo entre el hombre y el contexto social en que se insiere. En ese sentido, la música electrónica viene ganando cada vez más espacio en la vida nocturna urbana de adultos jóvenes, siendo la fiesta *rave* uno de los escenarios de esa vertiente musical. Este artículo trae una discusión a respecto del fenómeno cultural fiesta *rave* desde la entrevista libre de dos *Disc Jockeys* (DJs) teniendo como matriz teórica los conceptos de Sigmund Freud y de el grupoanálisis. La expresión que mejor marca el presente estudio es la percepción de la fiesta *rave* como un sueño, lugar de transgresiones consentidas, un espacio posible para la realización alucinatória del deseo interditado por las leyes morales impuestas por la cultura, disponiéndose a entrar al mundo fantástico. La fiesta *rave* se constituye en un momento en que se está envuelto por la música y el uso de drogas donde se busca la libertad y el escapismo de un mundo causante de malestar en el sentido freudiano de la terminología. Palabras clave: psicoanálisis; grupo análisis; los fenómenos culturales.

Diversas manifestações culturais exprimem o diálogo entre o homem e o contexto social do final do século XX e início do século XXI. Dentre as expressões musicais, observa-se que a música eletrônica vem ganhando cada vez mais espaço, sendo a festa *rave* um dos cenários dessa vertente musical.

A vida noturna urbana de adultos jovens mudou nas últimas décadas. O cenário da *dance music*, que emergiu na década de 80, continua a crescer. A música eletrônica era tocada normalmente por um *Disc Jockey* (DJ)¹ em lugares como boates, clubes, salões. Já a festa *techno-rave*, ou *rave*, festa de grande porte realizada ao ar livre e regida pela música eletrônica (Ferreira, 1986), surge no final da década de 1980 em cidades do Reino Unido e nos Estados Unidos. As festas *rave* ocorriam muitas vezes em armazéns de maneira ilícita. Posteriormente, foram transferidas para locais legais permanentes (Purcell & Graham, 2005).

Dentre os trabalhos encontrados (base de dados EBSCO, palavra-chave: *rave*), Szostak-Pierce (1999) traz a relação entre estilo e poder em *raves* no centro-oeste dos Estados Unidos. Após participar e observar festas *rave*, o autor considera que a vestimenta e a música, combinadas com as práticas espirituais da dança, drogas e rituais, representam elementos da cultura *techno*. Rushkoff (1997) aponta que o uso de ecstasy (MDMA: 3,4 Methylenedioxymethamphetamine) quebra as inibições sociais, levando a um empático imperativo que encoraja a novos níveis de ligação emocional. Riley, Morey e Griffin (2008) examinaram o múltiplo e contraditório entendimento dos participantes de *raves* (Inglaterra) a respeito do uso de *Ketamine*, uma droga que age como depressora do sistema nervoso central, resultando em perda temporária de sensações corporais acompanhadas por alterações de percepção ou alucinações (Shapiro, 1992). Esta substância é vista como um facilitador da liberdade e do escapismo, isto é, uma tendência para fugir da realidade ou da rotina, de coisas vivenciadas como desagradáveis. No âmbito acadêmico brasileiro, Ferreira (2006) investigou as relações entre música e ritual em sociedades urbanas contemporâneas. O

mesmo autor (Ferreira, 2008), posteriormente, comentou, sob um olhar sociológico, os parâmetros, limiares e tendências no funcionamento da música eletrônica de pista. Já o antropólogo Fontanari (2006) analisa as relações entre música eletrônica, identidade e ritual dentro da cena “*Drum ’bass*”² de São Paulo (Brasil).

Em um estudo epidemiológico, Battisti et al. (2006) traçam o perfil de usuários de ecstasy em São Paulo. Os autores apontam que casas noturnas e festas *rave*, onde a música eletrônica é tocada, constituem-se nos contextos de maior uso desta substância. Assim, a música eletrônica - particularmente a festa *rave* - vem ganhando espaço no ambiente acadêmico no Brasil como fenômeno cultural. Nesse sentido, acredita-se que a psicoterapia de grupo de base analítica pode contribuir no sentido de buscar compreender a festa *rave* enquanto fenômeno coletivo.

Retomando as considerações feitas por Freud no campo da antropologia social em *Totem e Tabu* (1913-1914/1974) e sobre o sonho em *Interpretação dos sonhos* (1900/1996), é possível formular um entendimento psicanalítico a respeito da festa *rave*. Assim como no sonho, a festa *rave* figura como uma oportunidade para a realização do desejo interdito pelas leis morais impostas pela cultura. A Psicologia Social de Freud (1913-1914-1974) trazia uma reflexão sobre a origem das sociedades, a religião e também sobre o exército a partir da psicanálise e, dessa forma, introduzia dois temas na antropologia: a lei moral e a culpa, ambas originárias do superego surgido a partir de uma identificação com o pai e que permitia a entrada na cultura. O superego impõe a lei da proibição do incesto e do parricídio e, portanto, o ônus da incursão na civilização seria o sacrifício da sexualidade e da agressividade.

Com a instalação da censura superegoica que estabelece mecanismos de defesa, o desejo busca caminhos para a realização, sendo o sonho uma das vias possíveis. Conforme o próprio Freud (1900/1996) ressalta, o sonho é a realização alucinatória do desejo. Anzieu (1967/1993), fazendo uma analogia entre o grupo e o sonho, considera que o grupo possibilita a realização imaginária de desejos e ameaças: “Os sujeitos humanos vão aos grupos da mesma forma que, no seu sono, entram no sonho. Do ponto de vista da dinâmica psíquica, o grupo é um sonho” (Anzieu, 1967/1993, p. 49). O autor complementa dizendo que, no grupo real, observa-se a tentativa de fazer funcionar a seguinte utopia³:

O sonho de um grupo que tornaria possível a cada um a satisfação imediata e incondicional de todos os seus desejos, onde cada um encontraria sem cessar o desejo complementar do seu, é o sonho de uma sociedade exclusivamente regida pelo princípio do prazer, de uma vida coletiva onde os processos primários agiriam em estado puro (Anzieu, 1993, p. 50).

Segundo Anzieu (1967/1993), a situação de grupo oportuniza uma regressão cronológica ao narcisismo primário e, assim como no sonho, produz também uma regressão tópica. As duas instâncias do aparelho psíquico passam a ser o Id e o Ego ideal. Há, ainda, a regressão formal na qual se observa o uso de formas de expressões arcaicas mais próximas do processo primário (gestos, olhares, sorrisos, posturas, mímicas). O tempo também sofre a regressão não sendo mais o tempo cronológico; os fenômenos da repetição e do eterno retorno assumem o lugar da característica temporal da irreversibilidade. O grupo se apresenta fantasmaticamente como o lugar fora do tempo. Dessa forma, um dos aspectos importantes a serem colocados é que a festa *rave*,

enquanto fenômeno cultural de um grupo natural, configura-se como um espaço facilitador da realização alucinatória de desejo.

A CENA ELETRÔNICA

Buscou-se compreender o fenômeno cultural festa *rave* por meio de entrevistas livres sobre as vivências de dois DJs (sexo masculino; com idade variando entre 25-28 anos) que atuam predominantemente em eventos *rave* no Estado de São Paulo. Os trechos das entrevistas foram escolhidos e analisados na medida em que referendavam e explicitavam como a festa *rave*, na vivência de um dos seus atores principais, pode produzir estados psíquicos próximos ao sonho. Assim, neste artigo apresentamos trechos de entrevistas realizadas individualmente nos quais os DJs comunicam verbalmente suas impressões a respeito do cenário *rave*:

Olha, o tempo para mim pelo menos passa muito rápido porque eu gosto muito de ficar lá (...) para mim não faz muita diferença porque você está com seus amigos num lugar que você gosta. Então pelo menos para mim o tempo passa muito rápido (...)

Este primeiro fragmento parece assinalar a vivência de utopia coletiva, ou seja, um sentimento exagerado de euforia, por meio do qual se pode fugir do “mal-estar” da realidade externa e também da ucrônia⁴, a percepção alterada do tempo. Não nos parece despropositado conjecturar que a intensidade do som em batidas remete à sonoridade intrauterina⁵, afinal já se disse o mesmo acerca do som dos Beatles em plena contracultura, em matéria de capa da Revista *Time*⁶, na qual é citada uma visão freudiana; pelo conhecido psicanalista e psiquiatra infantil Ner Littner: “Seu ritmo bem marcado parece trazer ecos das primeiras experiências significativas, como a serenidade fetal intrauterina que reverbera repetitivamente na cadência das batidas do coração materno”. Foi uma percepção dos autores deste estudo a partir das vivências verbalizadas pelos DJs em tais festas e, talvez, tal sensação possa ser extrapolada para compreender melhor a fenomenologia manifesta por um tempo marcado muito mais por sensações do que pelo relógio, o que faz com que tais eventos se prolonguem por muitas horas.

No trecho seguinte, aparecem indícios para interpretar o fenômeno *rave* como um escape, em tempos pós-modernos, da vigília e da vigilância de um mundo cada vez mais hostil e gerador de mal-estar: “*Eu acho que a festa é um tipo de válvula de escape, pessoas que trabalham a semana toda que se tem estresse, que só tem assalto, a violência de hoje em dia (...) as pessoas vão para se desligar um pouco de tudo isso (...) eu mesmo faço isso (...)*”. A festa aparece como oportunidade de se fugir da rotina, de vivências desagradáveis.

Em outro fragmento, o observador DJ traz sua percepção de participantes que compõem a cena *rave*: “*(...) algumas pessoas se emocionam muito ouvindo (...) até legal é engraçado a gente como artista ver isto. A pessoa gosta do mesmo som, você vê na expressão do rosto, do corpo, do jeito que ela dança (...)*”. A comunicação não verbal relatada revela uma regressão formal na qual se observa o uso de formas de expressões arcaicas mais próximas ao processo primário. Vê-se que na festa *rave* o grupo vive a utopia de uma sociedade regida pelo princípio do prazer: “*É ir pra festa*

por causa da música, ficar com seus amigos de boa sem preocupação...”. A rave figura como um lapso, assim como o sonho, uma oportunidade na qual se permite ao homem romper com as regras sociais e adentrar ao mundo fantasmático; é a extrapolação daquilo que é vetado cotidianamente, porém sem o ônus da culpa.

Pode-se dizer também que esta festa propicia a emergência de conteúdos, furtando-se as rigorosas censuras presentes no estado de vigília. Porém, ao contrário do sonho, a *rave* não é imune à realidade e aos desejos que transitam da pura fantasia à realidade, correspondem a alto tributo e a um preço que, muitas vezes, vai mais além daquele do bilhete de ingresso: “(...) *algumas pessoas usam drogas para passar esse tempo... para agüentar ficar de pé, mas não sei se é necessário (...) é mais por causa da loucura mesmo. Antigamente (...) hoje as drogas estão muito em evidência (...)*”.

Em outro fragmento, os DJs assinalam: “(...) *hoje em dia a droga consome a festa, na verdade não é nem a festa que tem as pessoas que usam drogas (...) na verdade só tem drogas (...)*”. É interessante contrastar a posição desse profissional com o relato no artigo de Parrott (2004), professor do Departamento de Psicologia da Universidade de Wales, Swansea, no Reino Unido, tratando das implicações em neuropsicobiologia da utilização do ecstasy em festas *rave*. O autor notou que os DJs utilizam os poderosos estímulos sensoriais à sua disposição, tanto os auditivos quanto os visuais, para atingir maior excitação possível entre os participantes. A constatação de que a grande agilidade que os DJs demonstram na escolha de músicas e na manipulação do volume de sonorização buscam elevar o nível de excitação dos *ravers* seria por demais óbvia, não fosse o fato de o autor atribuir explicitamente tal talento a outro objetivo: o de intensificar a experiência com as drogas, especialmente o ecstasy. Descreve o nível de excitação alcançado por esse processo como literalmente uma espécie de paulada no plexo solar⁷ capaz de levar as pessoas literalmente a desmaiarem:

Os padrões de intensidade da música são muitas vezes reforçados pelo visual que contribui para a estimulação sensorial global. Quando um grupo de americanos *ravers* foi entrevistado, geralmente expressaram intensas sensações, como ilustra o seguinte depoimento: “Eu senti que tinha um aparelho de som dentro do meu corpo” (Parrott, 2004, p. 331)⁸.

A questão do uso de substâncias psicoativas combinado com a música própria ao cenário *rave* surge como elemento facilitador do desligamento do real imediato no sentido de um mergulho em sensações prazerosas. Nesse sentido, Freud (1929-1930/1996), em *O mal-estar na civilização*, aponta já no início do século XX a procura por métodos de evitação do sofrimento, cita os “veículos intoxicantes”, substâncias estranhas capazes de provocar sensações prazerosas; alterando as condições que dirigem a sensibilidade, tornam o ser humano incapaz de receber impulsos desagradáveis:

Devemos a tais veículos não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois sabe-se que, com o auxílio desse ‘amortecedor de preocupações’, é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade. Sabe-se igualmente que é exatamente essa propriedade dos intoxicantes que determina o seu perigo e a sua capacidade de causar danos (p. 86).

Não há como negar o alto potencial destrutivo presente no consumo desregrado de drogas diversas presentes nas festas *raves*. Camargo (2007) tece importantes considerações a respeito da polêmica relacionada a estas festas em relação ao uso de drogas. Uma justificativa encontrada para o número significativo de matérias policiais é um grau de focagem do interesse midiático, imediatista e até sensacionalista em tais meios de comunicação. Além disso, algumas *raves* não apresentavam uma estrutura formal de segurança, por serem clandestinas em sua maior parte, e isso talvez tenha sido visto pelos participantes como um lugar oportuno para o consumo de drogas. Impressiona a frequente citação espontânea do entrevistado sobre o consumo excessivo e quase generalizado de drogas no cenário *rave*. Há como que uma nostalgia pelos bons tempos nos quais o prazer de participar desta festa se centrava no som singular e no convívio harmonioso de seus participantes: “(...) antes era ir para curtir o som de boa, com a galera”. Tempos passados e que chegam a soar até como remotos na fala e na comunicação não verbal do DJ, e daí vale a pergunta: será esse um processo presente somente, ou mesmo predominantemente, na *rave*?

O uso de substâncias psicoativas não se restringe à cena *rave* ou, de maneira geral, aos espaços *clubbing*. Este fenômeno pode ser visto sob várias perspectivas, mas não se pode negar que o ser humano busca estratégias para lidar com o desprazer, com vivências estressantes relacionadas ao contexto social e histórico no qual está inserido. Já em sua época, Freud (1908/1996) pressentia na vida civilizada as condições para a emergência das “doenças nervosas” e suas manifestações. Em um texto denominado *Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna*, Freud (1908/1996) alude a um progresso gerador de crescente competição e gerador de grande esforço mental:

Cresceram as exigências impostas à eficiência do indivíduo, e só reunindo todos os seus poderes mentais ele pode atendê-las. Simultaneamente, em todas as classes aumentam as necessidades individuais e a ânsia de prazeres materiais; um luxo sem precedentes atingiu camadas da população a que até então era totalmente estranho; a irreligiosidade, o descontentamento e a cobiça intensificam-se em amplas esferas sociais (p. 170).

É notável a descrição de uma realidade de um século atrás que hoje ganha dimensões hiperbólicas (Freud, 1908/1996):

Tudo é pressa e agitação. A noite é aproveitada para viajar, o dia para os negócios, e até mesmo as “viagens de recreio” colocam em tensão o sistema nervoso. As crises políticas, industriais e financeiras atingem círculos muito mais amplos do que anteriormente. (...) roubando tempo à recreação, ao sono e ao lazer. A vida urbana torna-se cada vez mais sofisticada e intranquila. Os nervos exaustos buscam refúgio em maiores estímulos e em prazeres intensos, caindo em ainda maior exaustão. (...). Nossa audição é excitada e superestimada por grandes doses de música ruidosa e insistente (p. 170-171).

No momento histórico em que vivia, Freud (1908/1996) fez alusão a uma vida urbana que não contempla tranquilidade. Os anos que se seguiram viram se perpetuar a busca do homem por prazeres intensos a fim de minimizar seu sofrimento existencial. Nesse sentido, o fenômeno cultural *rave* surge no final do século XX como uma das alternativas para se escapar do desprazer.

CONCLUSÃO

Não se deve “patologizar” formas de manifestações culturais que expressam necessidades reais de um tempo atual. Esse é com certeza, o caso da festa *rave*, que permite romper com as regras sociais e adentrar ao mundo fantasmático. Seus participantes podem ser vistos como figuras humanas marcadas por angústias e dores, que encontram no espaço *rave* um ambiente que facilita a expressão de afetos. No entanto, o psicólogo deve estar atento para dar respostas, tanto no plano da clínica individual quanto na abordagem coletiva em relação ao consumo de drogas. Mas, como vimos, em um mundo de utopias mortas e tangido pela competição desenfreada do “grande mercado”, o consumo abusivo de drogas, sejam elas ilícitas ou lícitas, não pode ser circunscrito ao cenário *rave*. Deve antes ser visto como um sintoma grave de um processo mais geral que afeta a sociedade moderna.

Talvez a *rave* funcione – como tantos outros eventos - como um local de encontro de pessoas “que não têm tolerado o sofrimento existencial imposto por uma sociedade de consumo na qual viceja o relativismo e o desenraizamento cultural, tipicamente manifestos no fenômeno da chamada pós-modernidade” (Hall, 2006, p. 24-26). Do ponto de vista da grupanálise, o fenômeno cultural *rave* aparece como um espaço possível para a realização alucinatória do desejo. As *free parties*, como curiosamente são chamadas as festas *raves*, constituem-se de um espaço em que se busca a liberdade e o escapismo de um mundo causador de mal-estar. Dentro da cena *rave*, o DJ fornece um dos elementos que induzem ao mundo fantasmático: a música eletrônica.

REFERÊNCIAS

- Anzieu, D. (1967/1993). *O grupo e o inconsciente: O imaginário grupal*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Battisti, M., Noto, A., Nappo, S., & Araújo Carlini, E. (2006). A profile of ecstasy (MDMA) use in São Paulo, Brazil: An ethnographic study. *Journal of Psychoactive Drugs*, 38(1), 13-18.
- Brezinka, C., Lechner, T., & Stephan, K. (1997). The fetus and noise: Gynakol Geburtshilfliche Rundsch, Universitäts-Klinik für Frauenheilkunde, Innsbruck. *Osterreich*, 37(3), 119-129.
- Camargo, M. B. A. (2007). *Profissionalização das festas rave no Brasil e suas consequências para o jornalismo cultural*. Monografia de conclusão do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Jornalismo Cultural, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP.
- Ferreira, A. B. H. (1986). *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. (2a ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ferreira, P. P. (2006). *Música eletrônica e xamanismo: técnicas contemporâneas do êxtase*. Tese de Doutorado não-publicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- Ferreira, P. P. (2008). Parâmetros, limiares e tendências no funcionamento da música eletrônica de pista. In *32º Encontro Anual da ANPOCS, 2008: Programas e Resumos*. Caxambu.

- Freud, S. (1900/1996). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (pp. 371-700). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1908/1996). Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (pp. 187-212). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1913-1914/1974). Totem e Tabu. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (pp. 11-191). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1929-1930/1996). O mal estar na civilização. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (pp. 81-178). Rio de Janeiro: Imago.
- Fontanari, I. P. P. (2006). Through the beats: Electronic music, identity and ritual performance in the Brazilian drum'bass' scene of São Paulo. *The Society of Ethnomusicology 51 st Annual Meeting*. Honolulu, HI, EUA.
- Hall, S. (1992/2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Parrott, A. C. (2004). MDMA (3,4-Methylenedioxymethamphetamine) or Ecstasy: The Neuropsychobiological Implications of Taking It at Dances and Raves. *Neuropsychobiology*, 50, 329-335.
- Purcell, J., & Graham, K. (2005). A typology of Toronto nightclubs at the turn of the millennium. *Contemporary Drug Problems: An Interdisciplinary Quarterly*, 32(1), 131-167.
- Riley, S., Morey, Y., & Griffin, C. (2008). Ketamine: The divisive dissociative. A discourse analysis of the constructions of ketamine by participants of a free party (rave) scene. *Addiction Research & Theory*, 16(3), 217-230.
- Rushkoff, D. (1997). *Ecstasy club: A novel*. San Francisco: HarperEdge.
- Shapiro, H. (1992). *Ketamine factsheet*. Druglink.
- Szostak-Pierce, S. (1999). *Even Furthur: The power of subcultural style in techno culture – Appearance and power*. New York: Berg.

¹ Um *disc jockey* (DJ ou *dee jay*): O termo *disc jockey* foi primeiramente (e ainda é) utilizado para descrever a figura do locutor de rádio que introduzia e tocava discos de gramofone, posteriormente, o *long play*, mais tarde *compact disc laser* (CD) e, atualmente, emprega o uso do MP3. O nome foi logo encurtado para DJ. Há, no entanto, uma vasta gama de denominações para classificar o termo DJ. (Trecho extraído da Wikipédia – A enciclopédia livre, em pt.wikipedia.org/wiki/DJ).

² *Drum and bass* (também abreviado como D&B, DnB ou simplesmente d'n'b) é um estilo de música eletrônica que se originou a partir do *jungle*. Surgiu na metade dos anos 1990 na Inglaterra. O gênero é caracterizado por batidas rápidas, próximas a 170 BPM. Disponível em: pt.wikipedia.org/wiki/Drum_and_bass.

³ Utopia: [Do lat. mod. *utopia* <gr. *ou*, 'não', + gr. *tópos*, 'lugar', + gr. *-ía* (v. *-ia*¹).] Descrição ou representação de qualquer lugar ou situação, ideais sob as quais vigorem normas e/ou instituições políticas altamente aperfeiçoadas. Projeto irrealizável; quimera; fantasia (Ferreira, 1986).

⁴ Ucronia: (do gr. *Ou*, 'não', + *-cro(o)-* + *ia*). Aquilo que não se situa nem se pode situar em nenhum tempo (Ferreira, 1986).

⁵ De acordo com Brezinka et al. (1997), entre a 23^a e 28^a semana de gestação, um feto saudável já reage a estímulos sonoros. Os autores observam ainda que o ambiente sonoro intra uterino é pleno de sons maternos, tais como os batimentos cardíacos, a respiração, a voz da mãe e ainda os sons causados por movimentos corporais.

⁶ Disponível em: www.time.com/time/magazine/article/0,9171,837319,00.html

⁷ Complexa rede de fibras nervosas; é o maior dos plexos autônomos e está localizado no abdômen ao redor das artérias celiaca e mesentérica superior. Disponível em: atlas.centralx.com.br/p/110887/plexo+celiaco.html.

⁸ “The intense patterns of music are often enhanced by visual light shows which contribute to overall sensory stimulation. When a group of American ravers were interviewed, they typically reported intense sensations, as the following testimony illustrates: ‘I feel I had a stereo inside my body’” (Parrott, 2004, p. 331).

Recebido: 02/09/2011
1ª revisão: 07/10/2011
2ª revisão: 01/11/2011
Aceite final: 02/11/2011